

APRESENTAÇÃO

FORMAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CRÍTICA, AMPLIADA, CIDADÃ E DECOLONIAL - CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA

Caroline Kretzmann¹

 0000-0001-5578-6475

Karina Pacheco dos Santos Vander Broock²

 0000-0003-3239-3059

Rosivaldo Gomes³

 0000-0001-8770-6177

As pesquisas no campo da Linguística Aplicada Brasileira - *indisciplinar/crítica/transgressiva/da desaprendizagem* (Kleiman, 2013; Kleiman; Vianna; De Grande, 2019; Amorim, 2017; Fabrício, 2006; Moita Lopes, 2006; Pennycook, 2006), alinhadas com os estudos decoloniais (Mignolo, 2008; Walsh, 2013; Quijano, 2010; Menezes de Souza; HASHIGUTI, 2022; Maldonado- Torres, 2018; Guth; Sambugaro de Mattos Brahim, 2024), têm alargado a agenda dessa área cada vez mais e proporcionado teorias e abordagens metodológicas e analíticas que se configuram a partir da fluidez da modernidade em transição em que vivemos e da desconstrução da episteme ocidentalista (Moita Lopes; Fabrício, 2019) que, durante longo tempo, influenciaram os estudos nesse campo.

Nessa perspectiva outra, ou nas palavras de Amorim (2017, p. 1), o campo tem alargado seu escopo e buscado criar inteligibilidade sobre temas outros, e, portanto, tem passado por “redescrições, em um movimento de contínua readequação a um fazer científico responsivo e responsável”.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professora do Curso de Letras Português-Inglês da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: carolkretzmann@gmail.com.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professora do Curso de Letras Português-Inglês da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mails: karina.broock@gmail.com.

³ Doutor em Linguística Aplicada (IEL/Unicamp). Professor Adjunto IV do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá (Unifap) e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (PPGLEtras/UFPR). E-mail: rosivaldo@unifap.br.

Assim, para o autor

A Linguística Aplicada (LA), hoje, mantém no centro de seus interesses e atividades questões relativas a desigualdades sociais, políticas, étnicas, culturais das muitas comunidades de aprendizes de língua, sejam elas maternas, segundas ou estrangeiras, com as quais entra em contato, ou pela via do ensino, ou da pesquisa (Amorim, 2017, p. 1).

Ainda para Amorim (2017, p. 3)

a linguística aplicada (LA) e os estudos brasileiros são áreas que, recentemente, têm passado por redescrições, em um movimento de contínua readequação a um fazer científico responsivo e responsável ao mundo contemporâneo. E, nesse movimento de (re-)descrição, ambas as áreas apostam em novas epistemologias, novas lentes, que, sendo adequadas ao momento atual, podem dialogar, contribuindo para construção de um fazer científico que considere o cenário social, econômico, político e cultural mais amplo no qual as pessoas vivem e a pesquisa se concretiza.

É nessa perspectiva de um fazer científico responsivo e responsável, conforme defendido do Amorim, que apresentamos o *Dossiê Temático n. 14 da Letras Escreve - "Formação docente e educação linguística crítica, ampliada, cidadã e decolonial - contribuições da Linguística Aplicada Crítica"*. Os trabalhos que compõem este dossiê representam um movimento contrário à colonialidade do ser, do saber e do poder, decorrente da urgência de revisão das relações entre os seres humanos e com os demais seres vivos, considerando o contexto contemporâneo de silenciamento de sujeitos minoritarizados, de exploração dos recursos naturais, de desigualdade e injustiça social, de preconceitos de diferentes ordens.

A partir da temática central do dossiê, os artigos foram agrupados em dois eixos. Os do primeiro compartilham e/ou analisam propostas metodológicas de ensino de línguas materna, estrangeiras e adicionais, bem como literaturas. Os textos do segundo eixo discutem os currículos e a formação de docentes de línguas no ensino crítico. Também vale mencionar a ilustração que compõe a capa deste dossiê. Elaborada pelo ilustrador Luca Veiga Balbueno⁴, é uma representação cuidadosa e atenta da diversidade cultural, ecológica e étnica do território brasileiro. Nela, são

⁴“Desenho desde que tenho memórias, mas iniciei de fato minha trajetória como ilustrador aos 10 anos. A possibilidade de criar e contar histórias por meio das minhas ilustrações, tocando pessoas e despertando sentimentos, é algo que me realiza profundamente. Assim como um dia desenhei quem sou hoje – e transformei esse desenho em realidade ao me tornar Luca –, busco agora dar vida às histórias de outras pessoas, lugares e culturas. Quero criar narrativas visuais que provoquem reflexões e emoções, mesmo que de forma sutil. A ilustração produzida para este dossiê representa exatamente isso para mim: um convite a um olhar crítico e sensível sobre o país em que construímos nossa história, sem perder de vista a história que já aconteceu. Além da ilustração, sou estudante de Licenciatura em Química na PUCPR, onde também busco unir ciência, educação e arte em minha jornada. Instagram: @luca_ilustra.

retratadas tanto as populações quanto as simbologias dos povos originários e africanos que constituem a história do país. Os símbolos e as cores presentes na ilustração foram escolhidos cuidadosamente para representar as culturas indígena e africana e o vermelho que compõe a capa remete ao Pau-Brasil, árvore abundante em nosso país antes da colonização.

Os quatro primeiros textos do primeiro eixo apresentam e analisam propostas teórico-metodológicas de educação linguística crítica/decolonial na formação inicial e continuada docente. No artigo *A gamificação na formação inicial de professores de línguas: design crítico em uma disciplina de língua inglesa*, Iasmin Maia, Davi Rodrigues e Luclecia Silva de Almeida Matias apresentam como objeto de análise a aplicação de uma atividade de gamificação para licenciandas/os de Letras em disciplina de ensino de língua inglesa. Nessa proposta, as/os professoras/es em formação são levadas/os tanto a experienciar quanto a criar projetos gamificados críticos e condizentes com realidades locais. No trabalho intitulado *“Revide!” O rap em uma proposta de protótipo de ensino para os letramentos crítico e de reexistência nas aulas de língua portuguesa*, Caroline Kretzmann e Karina Pacheco dos Santos Vander Broock apresentam e analisam um protótipo de ensino de língua portuguesa a partir da letra de canção e do videoclipe AmarElo, do rapper Emicida. Essa proposta é uma tentativa de trabalho com os letramentos crítico, racial crítico e de reexistência na formação inicial de graduandos de Letras.

No artigo *“Eu (não) sabia que a escrita poderia ser usada para praticar a política e a justiça social”*: conversas crítico-colaborativas sobre textos literários nas aulas de inglês, Fernanda Franco Tiraboschi, Francisco José Quaresma de Figueiredo e Barbra Sabota analisam a percepção de licenciandas/os de Letras Português/Inglês acerca de uma experiência de leitura colaborativa e intercultural de textos literários em inglês. As/os graduandas/os reconhecem que a proposta possibilitou o desenvolvimento de uma postura crítico-reflexiva e a visão da/o docente como agente de justiça social. Em *O uso da ferramenta Formulário Google para a produção de materiais didáticos em línguas adicionais nas perspectivas dos multiletramentos e da decolonialidade*, Guilherme Sachs e Kelly Cristinna Frigo Nakayama apresentam o resultado de dois projetos relacionados à produção de materiais didáticos em línguas adicionais em cursos de extensão para professores de línguas na perspectiva da Pedagogia dos Multiletramentos e da Decolonialidade. Esses projetos visavam a romper estereótipos, por meio de reflexão e criticidade, na educação linguística em línguas adicionais, especialmente o espanhol.

Os três textos seguintes textos apresentam reflexões sobre propostas teórico-metodológicas para uma Educação Linguística Crítica-Decolonial na educação básica. No estudo *Multiletramentos em metodologia de leitura por meio de ferramenta digital: a leitura colaborativa plugada*, Valquíria Domiciano Sebastião de Oliveira apresenta uma proposta teórico-metodológica de leitura colaborativa plugada para estudantes do

Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio. Essa proposta é responsiva ao contexto social e tecnológico contemporâneo, o qual demanda novos letramentos, a exemplo dos letramentos digital, multissemiótico e crítico. Já o texto *Construindo sentidos em uma aula de língua inglesa a partir de um material didático autêntico crítico-decolonial sobre a temática indígena*, Noemi Lopes da Silva apresenta e analisa a aplicação de um material didático autoral crítico-decolonial sobre os povos originários em turma do segundo ano do Ensino Médio. Em sua aplicação, a proposta instiga uma postura crítica e a escuta atenta das/os estudantes de modo que possam construir, desconstruir e reconstruir conhecimentos sobre o tema. Em *"What makes a good teacher?": o desenvolvimento da argumentação e do pensamento crítico na escola básica*, Bruna Ciriaco Valério e Emari Andrade expõem uma prática reflexiva nas aulas de língua inglesa, a partir de uma demanda local de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, sobre o que é ser um bom professor. Como consequência dessa proposta, as/os estudantes assumem um papel agentivo na construção do conhecimento, desenvolvendo a capacidade argumentativa e de pensamento crítico.

No último artigo do primeiro eixo, intitulado *Letramentos acadêmicos em contexto de migração de crise: análise do manual Passarela*, Carla Alessandra Cursino analisa o manual Passarela – Português como Língua de Acolhimento para Fins Acadêmicos como contraponto a um cenário em que estudantes migrantes de pós-graduação têm sua bagagem linguística/cultural e seus saberes silenciados no processo de letramento acadêmico, evidenciando uma das faces da colonialidade (poder-saber).

No segundo eixo, os dois primeiros textos abordam possibilidades outras de formação docente inicial e continuada com professores/as, com reflexão crítica sobre a prática e diálogo com outras vozes que tensionem a colonialidade nas aulas de línguas. Em *Repertório didático, agir professoral e agentividade: representações de professoras na planificação de um dispositivo didático para o ensino de língua portuguesa*, Rosivaldo Gomes analisa autorreflexões críticas de práticas de ensino em diários elaborados por duas professoras do Programa Residência Pedagógica. Essa análise evidencia o agir professoral das participantes, que mobilizam saberes de seus repertórios didáticos ao mesmo tempo que refletem criticamente sobre eles. Na pesquisa *A formação de professores de espanhol e a linguística aplicada: diálogos extensionistas em rotas decoloniais*, de Édina Aparecida da Silva Enevan compartilha reflexões oriundas de um curso de extensão aplicado a docentes de língua espanhola numa perspectiva decolonial e em diálogo com o povo indígena Mapuche da Argentina. Essa reflexão enfoca em um material didático indígena e intercultural como subsídio para uma formação outra de professoras/es de espanhol.

Os dois artigos subsequentes analisam como os currículos ao mesmo tempo que podem garantir o direito à educação linguística que valorize a diversidade linguística, cultural e social também têm o potencial de reproduzir práticas coloniais. No texto

Educação escolar quilombola: reflexões acerca do currículo e o ensino de língua materna antirracista, Magno Santos Batista e Ivalda Kimberlly Santos Portela apresentam importantes considerações acerca da relação entre currículo e ensino de língua portuguesa na Educação Escolar Quilombola. Essas reflexões evidenciam que as populações quilombolas, por muito tempo silenciadas e marginalizadas, apresentam uma singularidade linguística, cultural e religiosa. Por isso, o currículo precisa abranger essas singularidades e dois movimentos principais são necessários: a formação adequada de professoras/es acerca da cultura e história das comunidades quilombolas e uma educação linguística contrária a colonialidade; a sensibilização e a conscientização da sociedade sobre a importância de uma educação linguística antirracista e que abranja os saberes ancestrais dos povos quilombolas.

No artigo *O ensino de língua inglesa previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Fundamental II e o eixo “dimensão intercultural”*, Mariana Cristine Gonçalves analisa como, no ensino de língua inglesa, determinadas práticas sociais são valorizadas enquanto outras são silenciadas no eixo “dimensão intercultural” da BNCC. Portanto, evidencia que esse eixo merece atenção e que professoras/es de línguas precisam ressignificar o que entendem por cultura, trazendo outras epistemes para sala de aula, não como verdades únicas, mas como possibilidades não regulatórias de abordar a diversidade cultural, sem reproduzir violências e injustiças sociais.

Na sequência, em *Educação Linguística Precária: Ensino de Línguas na Escola Pública e Privação de Direito Linguístico*, Alex Recife e Igara Silva Oliveira levantam reflexão sobre a influência de determinadas políticas linguísticas para uma Educação Linguística Precária no espaço público, que priva estudantes e demais membros da comunidade escolar do direito ao acesso às línguas e à interação com elas, por meio de uma educação linguística responsiva à complexidade da vida social contemporânea, mutante e marcada pela diversidade cultural, social, linguística etc. Os autores advogam justamente a favor de uma Educação Linguística Crítica, Intercultural e Decolonial como forma de reivindicar esse Direito Linguístico e desnaturalizar a crença na impossibilidade de circulação e de aprendizado das diferentes línguas nas escolas públicas.

Por fim, em *Educação Linguística a partir do letramento neocolonial crítico: pensando o mundo contemporâneo e a hegemonia estadunidense*, Raphael Barreto Vaz aborda uma possibilidade de educação linguística crítica responsiva ao mundo contemporâneo a partir das perspectivas do letramento neocolonial crítico. Trata-se de um importante convite à reflexão sobre a sociedade neoliberal em que vivemos, em conjunto com questões linguísticas e de poder, para vislumbrar uma educação linguística crítica não apenas de língua inglesa, mas também de outros idiomas.

Assim, convidamos a todas/os a lerem este dossiê que, em um esforço decolonial (Silvestre, 2017), apresenta textos que se configuram com um convite a olharmos por lentes outras tanto práticas de ensino de línguas quanto a formação com professoras/es⁵ a partir em uma perspectiva crítico-decolonial de educação linguística.

Boa leitura!

Referências

- AMORIM, A. M. A linguística aplicada e os estudos brasileiros: (inter-)relações teórico-metodológicas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339850114001>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- BEATO-CANATO, A. P. M. *et al.* Voices from the Aborigines: uma resposta do sul a favor de sular a educação linguística. *Íkala [online]*, v. 27, n. 3, 2022, p. 744-762. ISSN 0123-3432. Disponível em: <https://doi.org/10.17533/udea.ikala.v27n3a09>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 45-63.
- GUTH, A.; SAMBUGARO DE MATTOS BRAHIM, A. C. A linguística aplicada e a opção decolonial como bases para um estudo em políticas linguísticas e internacionalização universitária. *Revista da Anpoll, [S. l.]*, v. 55, p. e1927, 2024. DOI: 10.18309/ranpoll.v55.1927. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1927>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- KLEIMAN, A.; VIANNA, C. A. D.; DE GRANDE, P. B. A Linguística Aplicada na contemporaneidade: uma narrativa de continuidades na transformação. *Calidoscópio, [S. l.]*, v. 17, n. 4, p. 724-742, 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.04>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- KLEIMAN, A.B. Agenda de pesquisa e ação em linguística aplicada: problematizações. In: MOITA LOPES, L. P. da. *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 39-58.
- MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES,

⁵ Em acordo com Beato-Canato *et. al.* (2022, p. 748), consideramos que a formação docente deve ser pensada/realizada em uma perspectiva rizomática, ou seja, como um processo que precisa acontecer em diálogo com todas as “pessoas participantes [que] se engajem no movimento de olhar para suas práxis, compartilhando experiências, saberes, inquietações e conceitos, construindo teoria nesse processo”.

- N.; GROSFUGUEL, R. (Org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 27-54.
- MENEZES DE SOUZA, L. M. T.; HASHIGUTI, S. T. Decolonialidade e(m) Linguística Aplicada: uma entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza. *Polifonia, [S. l.]*, v. 29, n. 53, p. 149-177, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/14865>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade*, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.
- MOITA LOPES, L. P. da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 85-105.
- MOITA LOPES, L. P. da; FABRÍCIO, B. F. Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada. *Calidoscópico, [S. l.]*, v. 17, n. 4, p. 711-723, 2019. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.03>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006, p. 67-83.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-130.
- SILVESTRE, V. P. V. *Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas: teorizações construídas em uma experiência com o PIBID*. São Paulo: Pontes Editores, 2017.
- WALSH, C. *Pedagogías Decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re) vivir*. Quito: Ediciones Abya-Ayala, 2013.